

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PERSPECTIVAS EM TORNO DA CULTURA ESCOLAR

Rodrigo Pereira
Helen Castro Silva

Resumo: Apresenta a Competência em Informação como metodologia de formação para o acesso, avaliação e uso da informação, a qual se torna o insumo indispensável à autonomia intelectual. Apresenta a articulação possível - e necessária - entre Competência em Informação e a Cultura Escolar, enfatizando às suas relações. Busca-se, na Cultura Escolar, contextos para inserção de procedimentos desenvolvidos por meio da Competência em Informação, considerando as dimensões da organização, interpretação e produção de conhecimento. Aponta as vantagens de se perceber a Cultura Escolar, através do contexto prático filosófico, como suporte ao planejamento de ações que estabeleçam, no ambiente educacional, ações relacionadas ao desenvolvimento da Competência em Informação. Utilizou-se da pesquisa participação-ação, no contexto de uma escola pública de Campo Grande-MS, cujos sujeitos da pesquisa foram alunos do 6º e 7º anos e seus respectivos professores. A coleta de dados se processou por meio da observação, e entrevistas relacionando o desenvolvimento da Competência em Informação e as práticas docentes. Como resultado parcial percebeu-se que esse tipo de competência, se desenvolvida sem a compreensão da Cultura Escolar, torna-se uma prática desconexa e desarticulada cujos resultados esperados correm o risco de não serem alcançados.

Palavras-chave: Competência em Informação. Cultura Escolar. Contexto Escolar. Ensino-aprendizagem. Educação. Ensino Fundamental.

1 INTRODUÇÃO

As mudanças no cenário global, evidenciadas pela explosão informacional e as alterações nos padrões de comunicação, associadas ao surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), estabeleceram um novo modelo de sociedade na qual a informação torna-se o centro das relações. Como consequência, a informação, subsídio para o conhecimento, passou a constituir-se a principal força para o desenvolvimento pessoal, social, cultural, econômico e educacional de todo o globo. A expansão dessa sociedade, fundamentada no conhecimento, trouxe alterações

substanciais na produção, distribuição e troca de informação, exigindo de seus agentes novas competências, imprescindíveis, em nível pessoal e profissional, para o exercício consciente da cidadania e para o estabelecimento do aprendizado para toda a vida.

A busca pela formação de cidadãos críticos, autônomos e criativos, exige, na atual conjuntura, a atribuição de habilidades e competências capazes de inserir o educando nessa nova e propalada sociedade da informação. A autonomia para a construção de conhecimento passa, necessariamente, pela educação para o uso das fontes de informação, sejam elas tradicionais ou eletrônicas, as quais fomentarão a produção de conhecimento como subsídio indispensável à construção da aprendizagem para a vida.

No decorrer dos últimos anos, paulatinamente, instituições internacionais, por meio de diversas entidades de classes, têm focalizado suas ações no desenvolvimento da Competência em Informação, identificada como uma competência para a sobrevivência na sociedade da contemporânea.

Se a sociedade em questão tem exigido de seus sujeitos habilidades e competências específicas, sobretudo em relação à informação, a escola, como instituição educadora, deve trabalhar também nessa perspectiva, inserindo, em seu contexto, elementos que retratem a dimensão prática da Competência em Informação. Por força disso, essa competência torna-se um saber exigido na contemporaneidade, desenvolvendo-se como parte do contexto escolar, buscando espaço na Cultura Escolar para sua prática e consolidação como metodologia de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, a Competência em Informação, articulada à Cultura Escolar, pode contribuir significativamente para educação de indivíduos capazes de identificar, acessar, selecionar, avaliar e utilizar a informação, necessária, para a vida pessoal, social e profissional.

Levando em consideração a relevância da Competência em Informação para o processo de ensino-aprendizagem e seu papel significativo na formação de cada indivíduo, necessário se faz estabelecê-la como parte da proposta educacional da escola, fazendo

com que a mesma permeie todos os momentos da prática de ensino e aprendizagem. Para tanto, o estudo da Cultura Escolar será circunstancial para o estabelecimento dessa nova proposta, a qual emerge como uma necessidade da própria sociedade do conhecimento.

Por assim dizer, o presente artigo apresenta a Competência em Informação como mais um recurso ao processo educacional, trazendo para a discussão a Cultura Escolar, que é um aspecto determinante para melhor inserção de ações decorrentes de tal competência no cenário educativo.

2 O CONTEXTO DA COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Na dinâmica da Sociedade da Informação, uma série de fatos causou grande impacto no cotidiano. As consequências das TICs, o processo de globalização, as alterações na concepção de empregabilidade, as mudanças nas relações humanas, o estabelecimento da era da informação e, por fim, a maneira de se produzir conhecimento romperam com os padrões de formação e aprendizagem dos sujeitos que são parte deste contexto. Delors (1996, p. 32) afirma que "doravante, temos de aprender ao longo da vida e uns saberes penetram e enriquecem os outros".

No decorrer das últimas décadas, a concepção do aprender ao longo da vida se distanciou da simples teorização, tomando ares de um elemento basilar para as políticas de educação do mundo inteiro (CANDY, 2002). Delors (1996), por exemplo, assevera que no início do século XXI a educação tornou-se tão abrangente - quer nas atribuições que lhe são confiadas, quer nas formas que assume -, que alcançou todas as atividades que permitem ao ser humano produzir conhecimento. Essa produção deve se desenvolver ao longo de toda a vida das pessoas, como fruto da relação com outras pessoas ou delas com os recursos informacionais. A educação, ao longo da vida, é vista como um "[...] meio para chegar ao equilíbrio mais perfeito entre trabalho e aprendizagem e ao exercício de uma cidadania ativa" (DELORS, 1996, p. 90).

Segundo Delors (1996), para responder às suas diversas atribuições, a educação precisa organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que serão as bases do conhecimento: “*aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*”.

Assim sendo, o desenvolvimento de programas de educação de usuários, sobretudo usuários infanto-juvenis, tem se tornado indispensável, conforme se verá a seguir.

3 DA EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS À COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Sob uma perspectiva histórica, ainda que sucinta, pretende-se, neste tópico, descrever o desenvolvimento dos programas de educação de usuários, identificando e analisando seus objetivos e ideais traçados por meio de suas ações.

A educação de usuários começou a ser desenvolvida nos anos 50 e 60, com características apenas de formação. A formação de usuários era desenvolvida pelas bibliotecas de grandes universidades, com intuito de oferecer e atribuir aos consulentes, condições mínimas para a utilização de alguns dos serviços das referidas bibliotecas. Posteriormente, ela se estendeu às bibliotecas escolares, públicas e, também, a centros de informação e documentação. Para tanto, o ensino de técnicas biblioteconômicas eram de fundamental importância. (BAUTISTA, 2003, p. 2).

Para esse mesmo autor, a educação de usuários deve ser entendida “[...] como um conjunto de atividades ou atuações de caráter pedagógico, que pretende conseguir a máxima utilização das possibilidades informacionais de uma biblioteca” (BAUTISTA, 2003, p. 20). Segundo o autor, essas atividades não deveriam ser pensadas e/ou desenvolvidas de forma esporádica, mas sistematizadas, propiciando uma educação para o uso dos respectivos serviços oferecidos pelas bibliotecas. Para Vélez e Giraldo (2003, p. 16, tradução nossa), a educação de usuários da informação é um programa que pode ser definido como

[...] processo contínuo e evolutivo, baseado nos interesses das pessoas; há um intercâmbio de experiências significativas sobre o uso da informação com o objetivo de que a pessoa, a partir de seu próprio processo cognitivo, possa mudar de atitude e melhorar sua atitude de maneira positiva. O usuário, mediante a formação, adquirirá conhecimentos e habilidades que lhe permitam localizar, avaliar, comunicar e usar a informação.

Percebe-se que a ênfase dos programas, na proposta do autor, é uma mudança de atitude e de uso efetivo da informação, pelas pessoas. Importava instrumentalizar as pessoas para o uso dos serviços e recursos de informação, objetivando-se atribuir-lhes certa autonomia.

O autor ainda identifica alguns aspectos importantes a serem considerados no planejamento de um programa de educação de usuários. Segundo ele, antes de iniciar um programa deve-se considerar três aspectos básicos: o primeiro refere-se ao reconhecimento de que a necessidade de informação é inerente a todo ser humano; essa informação é crescente e se torna o principal produto de todas as atividades sociais, afetando, condicionando e impulsionando as mudanças sociais, econômicas, políticas e educacionais, que por sua vez determina a investigação, a ciência e a tecnologia. (VÉLEZ; GIRALDO, 2003, p. 16).

Em segundo lugar, algumas unidades de informação devem considerar que, antes de programar os cursos de educação de usuários devem conhecer previamente a população que se beneficiará da capacitação, condição esta alcançada por meio do levantamento dos perfis de interesse dos respectivos usuários. Espera-se que os conteúdos e exigências estejam de acordo com os interesses de sua população alvo, evidenciando suas necessidades e motivações em torno da informação e sua formação propriamente dita.

Em terceiro lugar, deve-se entender que os programas de educação de usuários buscam o desenvolvimento de habilidades e competências em informação, requerendo um grande trabalho de

autoaprendizagem e “curiosidade intelectual” por parte dos usuários, visto que essas habilidades e competências se relacionam diretamente com sua capacidade para utilizar, de maneira adequada, as fontes de informação a seu alcance. (VÉLEZ; GIRALDO, 2003, p. 17).

Portanto, espera-se que os programas de educação de usuários nas unidades de informação devam ser muito claros quanto a conceitos, metodologias, métodos e técnicas, que se diferem em sua natureza, características e recursos empenhados.

Os programas de educação de usuários constituem recursos para transmissão de saberes e conhecimentos que poderão - ou não - gerar mudanças de atitudes. Essas se darão por meio do reconhecimento da importância da informação para o processo de construção de conhecimento, que reconhece o potencial do valor da criatividade, da autonomia e da comunicação a partir do ser, do saber e do saber fazer.

Partindo do pressuposto que os programas de educação de usuários constituem um processo contínuo e progressivo, baseado em interesses e no desenvolvimento integral da pessoa, identificam-se alguns fatores que incidem na evolução e na educação integral dos indivíduos, os quais devem fazer parte da percepção e da prática profissional dos bibliotecários.

Percebe-se, dessa forma, que a educação de usuários tende a levá-los a uma concepção de valoração social da informação e a instigá-los a tomarem atitudes positivas a respeito de suas necessidades informacionais, aprimorando suas ações de busca, utilização e representação das informações apropriadas.

Vale ressaltar que o mais importante não é apenas propiciar aos usuários habilidades específicas para o cumprimento de suas tarefas, mas prepará-los para gerar novos conhecimentos, desenvolvendo, então, novas habilidades. Essas incluem o uso da informação, distinção de sua qualidade e confiabilidade, uso de diversas fontes de informação e dos mais variados sistemas de informação que fazem parte do cotidiano dos indivíduos.

Busca-se então, proporcionar aos indivíduos, meios pelos quais o acesso à informação possa se firmar dentro de um fluxo informacional, que se estabeleça pela percepção da necessidade de se obter informação para a solução de algum problema.

Tendo-se em conta, ainda, o contexto histórico, ressalta-se que a educação de usuários nas bibliotecas escolares - contexto deste artigo, instituiu-se a partir do século XX e se estabeleceu da seguinte maneira: nas décadas de 50 e 60, em que as bibliotecas ofereciam programas de formação de usuários, tendo como princípio a instrumentalização para o uso dos serviços oferecidos, sem, contudo, relacioná-los ao currículo escolar¹, muito menos à prática docente, tornando-os programas estáticos e sem contexto prático. (VÉLEZ; GIRALDO, 2003, p. 19). Esses programas visavam à localização, recuperação e uso da informação com muitas limitações, dificultando o acesso por meio dos usuários, o que, necessariamente, descaracterizava a prática dos programas; segundo esses mesmos autores utilizavam expressões como “instrução ao uso da biblioteca” e “aulas para ensinar o uso das bibliotecas e dos livros”.

Nos Estados Unidos, um dos mais atuantes na prática de formação de usuários, as décadas de 50 e 60 foram marcadas por esparsos movimentos em torno da formação dos usuários de suas bibliotecas. Ressalta-se, porém, que, na década de 50, surgiu um serviço chamado de *bibliographic instruction*, o qual buscava instruir o consulente no uso da coleção, instrumentalizando-o ao manuseio das fontes de informação relacionadas ao ensino e aprendizagem, evidenciando, mesmo que de forma generalizadora, uma relação inicial entre as bibliotecas e a constituição curricular (CAMPELLO,

¹ Segundo Forquin, (2000, p. 48) [...] tudo que é suposto de ser ensinado ou aprendido, segundo uma ordem determinada de programação e sob a responsabilidade de uma instituição de educação formal, nos limites de um ciclo de estudos. Por extensão, o termo me parece fazer referência ao conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos (saberes, competências, representações, tendências, valores) transmitidos (de modo explícito ou implícito) nas práticas pedagógicas e nas situações de escolarização, isto é, tudo aquilo a que poderíamos chamar de dimensão cognitiva e cultural da educação escolar.

2003). Segundo Kuhlthau (1987, p. 22), esse momento caracterizou-se como “abordagem da fonte”.

Já na década de 60, uma nova abordagem de formação de usuários se estabelece, a chamada “abordagem guia”, na qual o foco ainda permanecia, basicamente, na coleção, acrescido da recomendação de utilização dos materiais da biblioteca entrelaçados às disciplinas curriculares². (KUHLETHAU, 1987, p. 24).

Nesse sentido, percebe-se a grande influência que a educação, como um todo, exerceu na concepção de serviços nas bibliotecas e, o mais importante, para a estruturação de programas que dessem aos usuários certa autonomia no uso das fontes de informação.

Por meio de novas teorias educacionais, através das quais o aluno se tornou o centro do processo de ensino e aprendizagem, as bibliotecas e, conseqüentemente, os bibliotecários, viram-se levados a proporcionar aos usuários novos serviços que pudessem contribuir, de forma mais significativa, para o estabelecimento do processo de ensino e aprendizagem.

Nessa época, segundo Stripling (1996, p. 635 tradução nossa):

[...] já existiam no país alguns programas de educação de usuários que enfatizavam habilidades de questionamentos e solução de problemas.³ Esses novos modelos exigiam um bibliotecário que participasse ativamente do planejamento curricular e que estivesse disposto a abandonar a postura de isolamento, concentrada apenas nas atividades da biblioteca e, ao mesmo tempo, privilegiasse estratégias de aprendizagem condizentes com as teorias educacionais recentes.

² Segundo Chervel, (1991, p. 89) [...] se apresentam neste sentido como corpos de conhecimento, providos de uma lógica interna, articulados em torno de alguns temas específicos, organizados em planos sucessivos claramente diferenciados e que conduzem algumas idéias simples e precisas ou, em qualquer caso, encarregados de ajudar na busca da solução dos problemas de maior complexidade.

³ Um dos mais conhecidos foi o programa desenvolvido por Patrícia Knapp, bibliotecária do Monteith College, que usava uma abordagem de solução de problemas bastante arrojada para a época. KNAPP, P. *The Monteith College Library Experiment*. New York: Scarecrow, 1996.

Evidenciava-se, assim, a necessidade de rupturas, tanto no que diz respeito ao perfil do profissional bibliotecário, quanto às práticas biblioteconômicas, aproximando-as do projeto pedagógico das escolas e, mais precisamente, do entrelaçamento entre a biblioteca escolar e o currículo.

Um segundo momento desenvolveu-se a partir da década de 70, em consequência das mudanças sofridas pela educação, trazendo para a discussão os recursos informacionais como instrumentos para o desenvolvimento do pensamento dos educandos. (DUDZIAK, 2001).

A partir desse novo momento, a educação passou a encarar os recursos informacionais como instrumentos capazes de desenvolver, nos educandos, a filosofia do “aprender a aprender”; surgia uma nova terminologia como: “técnicas relativas à informação”, “treinamento de usuários”, “habilidades em informação” e outras. (PALACIOS SALINAS; VEGA DIAS, 1994, p. 14).

Em 1975, buscava-se a ampliação da ação bibliotecária no processo pedagógico, novos padrões, entre eles, os sugeridos pela *American Association of School Librarians - ALA*⁴, que oferecia recomendava o envolvimento dos profissionais bibliotecários no planejamento curricular.

Como resultados de muitas inquietações, oriundas do desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação, buscavam-se respostas para o verdadeiro papel dos profissionais bibliotecários e, conseqüentemente, do papel das bibliotecas escolares nesse novo contexto internacional, de mudanças rápidas e de valorização da informação.

⁴ AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL LIBRARIANS/ASSOCIATION FOR EDUCATION COMMUNICATIONS AND TECHNOLOGY. Media programs: district and scholl. Chicago: ALA, 1975.

4 EDUCAÇÃO DE USUÁRIOS NO BRASIL

A formação de usuários no Brasil não se constitui em um processo recente. Desde meados da década de 1950, bibliotecários desenvolveram inúmeros programas de educação de usuários, os quais objetivavam aproximar as bibliotecas de seus consulentes. (DUDZIAK, 2001).

Segundo Dudziak (2001, p. 51) “[...] a primeira referência à educação de usuários foi o curso organizado em 1955 por Terezine Arantes Ferraz”. Complementando, Belluzzo (1989, p.15) acrescenta que “[...] a maior parte dos trabalhos [relacionados ao tema] desde então corresponde à descrição de experiências individuais e/ou relatos de casos, sendo o número de pesquisas e artigos de revisão bastante escassos”.

Evidencia-se, desde então, certa preocupação entre a classe bibliotecária brasileira em desenvolver atividades de educação e treinamento de usuários. Um nome de destaque nessa área é o da educadora e pesquisadora Neusa Dias de Macedo, que, em meados de 1972, ministrou o primeiro curso de que se tem notícias no Brasil, de orientação bibliográfica a professores de nível secundário. Além do curso ministrado, essa pesquisadora muito contribuiu para a pesquisa na área, publicando diversos artigos e outros trabalhos no Brasil e no exterior em torno da temática em questão.

Em 1974, o GIBUSP – Grupo de Integração do Sistema de Bibliotecas da USP, visando ao estabelecimento de um programa padrão de Orientação Bibliográfica para a USP, criou uma Comissão de Orientação Bibliográfica, que, mais tarde, foi desfeita. (DUDZIAK, 2001).

Dudziak (2001, p. 32) aponta alguns nomes que podem ser considerados precursores da Competência em Informação no Brasil: Breglia, 1986; Cerdeira, 1975; Ferreira, 1989; Flusser, 1982; Imperatriz, 1986; Milanesi, 1986; Rabello, 1980 e Targino, 1983.

Na década de 90, desenvolvem-se, com maior proporção e sistematização, projetos e trabalhos em torno da educação de usuários, cujos autores vale a pena destacar os seguintes: Alves,

1992; Cysne, 1993; Faria, 1999; Fernandes e Verni, 2000; Ferreira, 1995; Litto, 1997/1998; Martinez e Calvi, 1998; Milanesi, 1997; Neves, 2000; Obata, 1999 e Perroti, 1990. (DUDZIAK, 2001).

Essa mesma autora acrescenta:

“[...] ressalta-se o ineditismo dos projetos PROESI – Programa de Serviços de Informação em Educação (ECA-USP) direcionado a biblioteca interativa e ainda, ao NCE – Núcleo de Comunicações e Educação também desenvolvido na ECA-USP, voltado às interrelações entre Comunicação e Educação.”

Destaque-se, ainda, o trabalho da bibliotecária e pesquisadora Maria Alice Barroso (1998, apud DUDZIAK, 2001), do Rio de Janeiro, em que se refere ao papel educacional da biblioteca pública como disseminadora da cultura e da educação, socialização da informação e do conhecimento, de ampliação social, educação continuada e permanente. Outro trabalho relevante foi produzido pelos bibliotecários da Universidade Federal Fluminense – UFF, Luck et al. (2000, apud DUDZIAK, 2001), que analisa o papel da biblioteca universitária como agente mediador no processo de mudança do modelo pedagógico e curricular.

Como se percebe, a preocupação em contribuir com a educação de usuários no Brasil vem de longa data. No que tange o público infante-juvenil brasileiro, pouco tem produzido a respeito no Brasil. Em artigo recente, por exemplo, Campello (2010) apresenta um levantamento da literatura nacional existente na Libes⁵ sobre o papel educativo de bibliotecários em bibliotecas escolares abrangendo um período de 1990 a 2007. A autora revela que foram identificados 20 trabalhos ao todo. Entre eles destaca-se o artigo de Carvalho (1981) que revisa a educação de usuários de bibliotecas escolares, porém

⁵ LIBES é uma base de dados que reúne referências de documentos sobre biblioteca escolar produzidos no Brasil, principalmente a partir da década de 1960. É mantido e atualizado pelo GEBE. (Fonte: <http://gebe.eci.ufmg.br/?LIBES>)

desatualizado. Importante ressaltar, que a Cultura Escolar se quer é citada nos respectivos trabalhos.

5 A CULTURA ESCOLAR E A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A escola, com todas as suas vertentes de atuação, tornou-se um objeto de estudo extremamente pesquisado na contemporaneidade, com inúmeras vertentes de discussão e análise. Desde a história, passando pela sociologia, alcançando a política educacional e a prática pedagógica, todas essas abordagens têm servido para colocar a escola no centro das pesquisas educacionais. (SILVA, 2006, p. 203).

A percepção global sobre a complexidade da dinâmica da escola não apenas propicia saber como esta se estabelece, mas também permite um mapeamento das ações que, comumente, ocorrem em seu contexto prático, objetivando não somente entender essa complexidade, mas defini-la.

A despeito das diversas abordagens possíveis de análise e pesquisa em torno da escola, um aspecto fundamental permeia todas as discussões e análises possíveis, qual seja a existência de uma cultura própria dessas instituições. Segundo Silva, (2006, p. 202)

[...] parece não haver inconvenientes em considerar a escola como uma instituição com cultura própria. Os principais elementos que desenhariam essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modos de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo) e as práticas (pautas de comportamento que chegam a se considerar durante um tempo).

Percebe-se que a escola constitui-se em um organismo vivo, que ao mesmo tempo em que fornece à sociedade uma cultura instituída, recebe informações de seus agentes culturais, aprimorando suas ações e dimensão cultural.

Ainda sobre a citação de Silva (2006), identifica-se um fator relevante para a inserção de práticas em torno da competência em informação, as práticas desenvolvidas na escola. Por meio dessas práticas, comportamentos são moldados e aperfeiçoados.

Entender a escola em toda a sua complexidade, como instrumento cultural, é o mesmo que percebê-la como um organismo vivo e dinâmico, construindo e desconstruindo o ambiente à sua volta. Segundo Cano (2003, p. 12-13)

El conocimiento comprensivo sirve de base para explicitar las razones profundas de los fenómenos y prácticas organizativas y valorarlos a luz de circunstancias personales y contextuales particulares. Este tipo de conocimiento puede aplicarse para clarificar y educar la percepción y conocimiento implícitos que los miembros del centro escolar tienen de los fenómenos de los que forman parte como agentes activos. Las teorías que comparten una perspectiva cultural tienen también un carácter práctico o deliberativo, en tanto que sirven para consensuar una comprensión intersubjetiva de la vida organizativa del centro escolar. En definitiva, lo que mueve al conocimiento es un interés práctico. Las teorías de raíz cultural no son generalizables en sentido absoluto ni pueden emplearse para formular prescripciones en sentido técnico. Pero pueden servir para mejorar las prácticas, actuando sobre el entendimiento de los sujetos que las protagonizan.

A cultura escolar inclui o simbolismo e as ações práticas que explicita a instituição escola, fomentando e corroborando com a prática social, a qual se movimenta, reconstrói e se estabelece de tempos em tempos. Ela pode ser entendida como:

conjunto de normas, valores, creencias y asunciones, que – fruto de La interacción y negociación entre los miembros – Dan lugar al modo como se hacen las cosas en un centro organizativo. Por eso, expresa las formas de vida cotidiana del centro y modos como los

miembros interpretan la realidad, realizan sus acciones y suelen resolver los problemas. Como cultura de una organización, comprende los significados y comprensiones que los miembros comparten acerca de su trabajo y la expresión de estos significados en las acciones particulares. (BOLÍVAR, 2000, p. 133-134)

Por essas características, a cultura escolar possui ainda a condição de “formatar” a escola, o que reflete uma prática social inerente a ela, a qual se estabelece de forma particularizada e autônoma. (SILVA, 2001).

Percebe-se, então, que o estudo dessa cultura escolar, conforme também explicitado por Bolívar (2000), pode propiciar uma melhor compreensão da escola, suas peculiaridades e singularidades, as quais necessariamente intervêm naquilo que a escola é, enquanto organismo vivo e em constante transformação.

Entende-se que a escola, com todas as suas peculiaridades, estabelecida em uma sociedade intitulada, por muitos, como sociedade da informação, que se tem firmado pela instituição das novas tecnologias de informação e comunicação, não rompeu com o seu passado, pois traz consigo uma enorme carga cultural resultante do processo contínuo de desenvolvimento dela mesma. Ressalta-se, porém, que a escola, paradoxalmente, não se constitui simplesmente do seu passado, pois em seu contexto filosófico e prático os sujeitos produtores de conhecimento transformam, sistematicamente, esse ambiente, estabelecendo, inclusive, uma unicidade cultural (SILVA, 2006).

A compreensão dessa cultura escolar é fundamental para que se possam estabelecer novos procedimentos pedagógicos no ambiente escolar, como é o caso da competência em informação. Com efeito, para o estabelecimento de programas que visem desenvolver a Competência em Informação, no âmbito escolar, seus articuladores devem conhecer, de forma sistemática e aprofundada, como se constrói e se estabelece a cultura escolar da instituição na qual se pretende trabalhar. A falta de conhecimento a respeito desse

aspecto faz com que o programa se torne desarticulado com a proposta da escola e tende ao fracasso ou a resultados muito limitados.

O desenvolvimento da Competência em Informação deve constituir-se em uma prática que alcance toda a escola, sem exceções. Enfatiza-se a necessária articulação entre todos os sujeitos da escola, sobretudo os bibliotecários, docentes, supervisores e coordenadores de ensino, para o estabelecimento efetivo da Competência em Informação.

A implantação de um programa de Competência em Informação é possível, apenas, se os sujeitos partícipes do processo educacional estiverem convencidos da contribuição proporcionada pelo programa, condição esta que, necessariamente, depende de uma ruptura paradigmática em torno da Cultura Escolar. Isso porque as escolas, arraigadas em suas próprias culturas, são cautelosas para aceitarem mudanças de procedimentos em seus contextos. Isso evidencia o grande desafio para aqueles que pretendem desenvolver ações em torno da Competência em Informação nos ambientes escolares, sobretudo aos profissionais bibliotecários.

Sabe-se que, de forma isolada, algumas ações têm-se desencadeado por meio de bibliotecários e outros profissionais em âmbito escolar em torno do desenvolvimento da Competência em Informação, o que contribui para a disseminação e entendimento desse tipo de competência. Todavia, o estabelecimento de programas voltados à educação de alunos competentes em informação não pode, simplesmente, se fundamentar em práticas isoladas e sem consistência.

No cenário estabelecido pela cultura escolar, particularizado de escola em escola, a inserção da discussão de procedimentos relacionados à Competência em Informação e suas relações com a cultura escolar é de fundamental importância. Ademais seria inviável iniciar esforços sob a perspectiva da Competência da Informação sem que houvesse a participação de todos os elementos da escola. A Competência em Informação deve permear, antes de qualquer outra coisa, o fazer docente. É por meio dele, em sala de aula, que assuntos

são problematizados, levando os educandos às fontes de informação, sobretudo à biblioteca como recurso imprescindível ao saciamento da ansiedade informacional.

Como se percebe, a escola precisa ser levada a ações que exteriorizem elementos da Competência em Informação. Para isso, é necessário agir nas estruturas solidificadas das escolas. O sucesso da implementação da Competência em Informação está relacionado à capacidade de seus agentes de perceber a cultura escolar instituída e buscar mecanismos de inserção, paulatinamente, de elementos que comprovem sua eficácia e eficiência para a educação de indivíduos habilitados a fazerem parte da propalada sociedade da informação.

Ao “construir” a escola, os agentes da comunidade escolar o fazem sob a perspectiva das relações constituídas pelo ambiente que lhe deu origem e fomenta a sua discussão e desenvolvimento.

Para Chervel (1998),

[...] a escola fornece à sociedade uma cultura constituída de duas partes: os programas oficiais, que explicitam sua finalidade educativa, e os resultados efetivos da ação da escola, os quais, no entanto, não estão inscritos nessa finalidade.

Espera-se que dentre os resultados efetivos da ação da escola, a formação dos educandos com habilidades e competências, que subsidiarão suas práticas como cidadãos, possam ser desenvolvidas de forma sistemática e com alta qualidade, capacidades indispensáveis à sociedade da informação.

O objetivo de instigar outras pesquisas que relacionem a competência em informação e a cultura escolar constitui-se em um princípio básico à implementação e sucesso dos programas que desenvolvam competências informacionais no ambiente escolar.

Mais que discutir conceitos de cultura e da própria terminologia da competência em informação faz-se necessário atuar incisivamente na cultura escolar, demonstrando o fundamental papel das bibliotecas escolares como instrumentos indispensáveis ao fomento da prática da competência em informação.

6 MATERIAIS E MÉTODOS

A fundamentação metodológica ampara-se em Thiollent (1998, p. 14), que define a pesquisa-ação como:

[..] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual, pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Sob a perspectiva de Thiollent, cabe ao pesquisador exercer um papel ativo no desencadear dos procedimentos da pesquisa. É ele o responsável por levantar o problema de investigação, acompanhar e avaliar os dados suscitados, com base na problematização levantada.

A ação do pesquisador passa a ter um caráter de participação/colaboração, no que diz respeito à relação com os participantes. Tal postura demonstra que a participação do pesquisador rompe com a simples observação dos fatos e se estabelece no campo da ação, contribuindo significativamente para o processo de construção no âmbito da pesquisa.

Na pesquisa-ação, os pesquisadores

“[...] desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 1998).

Para esse autor, não há dúvida de que o processo metodológico de pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e os participantes da situação investigada que seja de tipo participativo. Com esse tipo de pesquisa, espera-se contribuir para um novo olhar sobre o desenvolvimento da Competência em Informação, seus procedimentos, participantes e, sobretudo, sua avaliação.

Para tanto, utilizou da observação e entrevistas para que se pudesse evidenciar o contexto da prática do desenvolvimento da Competência em Informação e suas relações junto a Cultura Escolar, evidenciando as dificuldades e desafios na implantação de tal proposta, onde a colaboração dos agentes da escola, sobretudo dos professores, constitui-se em fator preponderante ao sucesso e/ou insucesso na execução de um programa focado no desenvolvimento da Competência em Informação.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram alunos do 6º e 7º anos do ensino fundamental, matriculados em uma escola pública de Campo Grande-MS, os quais estiveram envolvidos no programa de desenvolvimento de Competência em Informação por dois anos ininterruptos, com atividades sistemáticas a cada sexta-feira da semana. Ressalta-se que o programa foi estruturado a partir da obra da educadora e bibliotecária Carol Kuhlthau intitulada de: Como usar a biblioteca na escola.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Competência em Informação, em relação ao seu desenvolvimento, tem sido propalada, não apenas no Brasil, mas também em vários outros países. A ação disseminadora do conceito e a apropriação da prática muito têm contribuído para o aperfeiçoamento de programas de desenvolvimento dos princípios que norteiam o próprio conceito da competência em informação.

Mesmo que se observem ações práticas diversas, relativamente à competência em informação, percebe-se certo isolamento dessas ações em relação ao contexto escolar.

Conforme demonstrado no texto, para que a competência em informação se estabeleça em âmbito escolar, ela precisa ser incutida na cultura escolar, quebrando paradigmas e conceitos pré-formulados, por meio dessa mesma cultura, em relação à prática biblioteconômica e, sobretudo, a respeito da ação das bibliotecas escolares.

Ressalta-se que uma melhor compreensão do diverso cenário escolar, por meio de sua cultura instituída, poderá aproximar as ações dos profissionais bibliotecários das necessidades da própria escola, reflexo das necessidades da própria sociedade na qual essa se inclui.

Se a cultura escolar é percebida como o eixo norteador das práticas escolares, deve ser compreendida, para que, por meio de mudanças de comportamento, essa mesma cultura viabilize a prática da competência em informação.

Dessa forma, torna-se indispensável a aproximação do profissional bibliotecário com o planejamento escolar, transformando a competência em informação em conteúdo que se insere a partir do discurso docente até a sua prática em sala de aula.

O distanciamento entre o profissional bibliotecário e os procedimentos pedagógicos da escola, resultante da cultura escolar instituída, dificulta a implantação de diretrizes que privilegiem o desenvolvimento da competência em informação no processo pedagógico, o que acarreta grande perda na formação dos educandos, sob a perspectiva da sociedade da informação.

Assim sendo, entende-se que somente por meio de uma ruptura paradigmática no contexto escolar, mais precisamente na cultura escolar, as ações promovidas efetivamente pelas bibliotecas escolares virão a fazer parte da cultura escolar.

Conforme aqui apresentada, essa cultura deve ser discutida não visando, apenas, à inclusão da competência em informação, mas todo o fazer biblioteconômico no âmbito escolar, como chave capaz de suscitar questionamentos e respostas em torno das condições do papel dos profissionais bibliotecários como agentes partícipes do processo pedagógico. Essa reflexão permitirá, ainda, uma compreensão das bibliotecas escolares, relativamente à sua inoperância e falta de reconhecimento, como parte de uma cultura material instituída pela escola. A discussão poderá possibilitar a identificação das relações estabelecidas pelos profissionais bibliotecários e pelas bibliotecas escolares, como parte da construção da própria cultura escolar, atribuindo a esses elementos

possibilidades de reformulação e aprimoramento de suas ações e contribuições no âmbito da escola.

Por meio desta discussão sobre a cultura escolar procurou-se ressaltar a importância da inserção de programas em competência em informação no contexto educacional. Espera-se estimular uma nova discussão com elementos que enriqueçam esses programas, oferecendo um melhor direcionamento aos agentes que buscam estabelecer novos procedimentos pedagógicos no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ALA. American Library Association/Association for education Communications and technology. **Media programs**: district and scholl. Chicago: ALA, 1975.

ALA. American Library Association. **Report of the Presidential Committee on Information Literacy**: final report. 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html>>. Acesso em: 12 jul. 2009.

ALVES, M. C. **A interação entre biblioteca e professor no Brasil**: o estado da arte. 1992. Campinas. Dissertação (Mestrado) - PUCAMP.

BREGLIA, V. L.; GUSMÃO, H. R. A informação como fator de democratização. **Revista Bras. Bibl. De Brasília**, v. 14, n. 1, p. 19-25, 1986.

CERDEIRA, T. A biblioteca escolar no planejamento educacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 8., Brasília, 1975. **Anais**. Brasília, 1975.

CYSNE, F. P. **Biblioteconomia: dimensão social e educativa**. Fortaleza: UFC, 1993.

BAUTISTA, A.C. La formación de usuários em las bibliotecas escolares. In: LA NUEVA ALFABETIZACION: um reto para la educación del siglo XXI, 2003. **Anales...** Madrid: Universidade Complutense de Madrid, 2003.

BELLUZZO, R.C.B. **Educação de usuários de bibliotecas universitárias**: da conceituação e sistematização ao estabelecimento de diretrizes. 1989. 107 f. Dissertação. (Mestrado em Ciência da Comunicação)-Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: USP, 1989.

BOLÍVAR, A. **Los centros educativos como organizaciones que aprenden: promesa y realidades**. Madrid: La Muralla, 2000.

CAMPELLO, Bernadete S. O movimento da competência informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-27, 2003.

CAMPELLO, Bernadete S. Perspectivas de letramento informacional no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Enc. Bibli. R. Eletr. Bibliotecon. Ci, Inf**, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 184-208, 2010.

CANDY, P. **Information literacy and lifelong learning**. 2002. Disponível em: <<http://www.ncslis.gov/libinter/infoliconf&meet/candy-paper.html>>. Acesso em: 12 jul. 2009.

CANO, J. M. N. Perspectivas teóricas de La organización escolar. In: GONZÁLEZ, M. T. **Organización y gestión de centros escolares**. Madrid: Pearson Educación, 2003.

CARVALHO, M. C. Educação de usuários em bibliotecas escolares: considerações gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 9, n. 1, p. 22-29, 1981.

CHERVEL, A. L'histoire des disciplines scolaires. Paris: **Historie de l'éducatif**, n. 38, 1998, p. 59-119.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. Porto: Edições ASA, 1996.

DUDZIAK, E.A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação)- Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. São Paulo: USP, 2001.

FARIA, I. P. **Estação memória: lembrar como projeto - contribuição ao estudo da mediação cultural**. São Paulo. 1999. Dissertação (Mestrado) - ECA, USP.

FERNANDES, D. M. S.; VERNI, M. L. A escola e a formação dos cidadãos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre, PUCRS, 2000.

FERREIRA, S. M. S. P. **Serviço referencial**: caracterização e conceituação. 1989. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - ECA, USP.

FERREIRA, S. M. S. P. **Redes eletrônicas e necessidades de informação**: abordagem so sense-making para estudo de comportamento de usuários do IFUSP. São Paulo. 1995. Tese (Doutorado) - ECA, USP.

FLUSSER, V. A Biblioteca como instrumento de ação cultural. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 11., João Pessoa, 1982. **Anais**. João Pessoa, 1982.

FORQUIN, J. C. O currículo entre o relativismo e o universalismo. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, p. 47-70, 2000.

IMPERATRIZ, I. M. M. **Usuários de bibliotecas universitárias**: alunos de graduação dos cursos de Química, Farmácia e Bioquímica da USP (Campus São Paulo). São Paulo. 1986. Dissertação (Mestrado) - ECA, USP.

KUHLTHAU, C. Cognitive development and student's research. **School Library Journal**, v. 33, n.11, 1987.

LITTO, F. M. Um modelo para prioridades educacionais numa sociedade de informação. **Pátio Rev. Pedag.**, Porto Alegre, v.1, n.3. 1997/1998.

MARTINEZ, L.; CALVI, G. **Escola, sala de leitura e bibliotecas criativas**: o espaço da cidadania e da comunidade. 3. ed. Petrópolis: Autores & Agentes & Assoc. 1998.

MILANESI, L. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MILANESI, L. **A casa da invenção**: biblioteca, centro de cultura. 3. ed. São Paulo: Ateliê. 1997.

NEVES, I. C. B. **Pesquisa escolar nas séries iniciais do ensino fundamental em Porto Alegre**: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar. São Paulo. 2000. Tese (Doutorado) - ECA, USP.

OBATA, R. K. Biblioteca interativa: construção de novas relações entre biblioteca e educação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia**, São Paulo, Nova Série, v. 1, n.1, p. 91-103, 1999.

PALACIOS SALINAS, C.; VEGA DÍAZ, M.G. **Facilidad de educación de usuários de la información em escuelas primarias públicas del D. F.** México: CUIB, 1994.

PEREIRA, Rodrigo. **Aplicação da Competência em Informação no contexto escolar:** uma experiência no Colégio Militar de Campo Grande – MS. 2010. 228f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PERROTI, E. **Confinamento cultural, informação e leitura.** São Paulo: Summus. 1990.

RABELLO, O. C. **Análise do campo de conhecimento relativo a usuários de bibliotecas.** Belo Horizonte. 1980. Dissertação (Mestrado) - EB, UFMG

SILVA, F.C.T. Cultura escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.

STRIPLING, B.K. Quality in school library media programs: focus on learning. **Library Trends**, v. 44, n. 3, p. 631-656, 1996.

TARGINO, M. G. L. **A biblioteca na concepção de escolares:** influências de variáveis do ambiente escolar. João Pessoa. 1983. Dissertação (Mestrado) - UFPB.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

VÉLEZ, E.N.; GIRALDO, N.E.R. Explorando el panorama de la formación de usuários de la información. **Rev. Interam. Bibliot.** v. 26, n. 2, p. 13-37, 2003.

INFORMATION LITERACY: PROSPECTS AROUND THE SCHOOL CULTURE

Abstract: *Displays the Information Literacy as a method of training for access, evaluation and use of information, which has become, increasingly, the raw material indispensable for intellectual autonomy. Presents the articulation possible - and necessary - between Information and Cultural Competence in School, with emphasis on their relationship. Search is on School Culture, contexts for insertion of procedures developed by the Information Literacy, considering the dimensions of the organization, interpretation and knowledge production. It points out the advantages to realize the Culture School, through practical philosophical context,*

to support action planning, establishing, in the educational environment, actions related to the development of Competency Information. We used participation research action in the context of a public school in Campo Grande-MS, the research subjects were students of the 6^o and 7^o grades and their teachers. Data collection took place through observation and interviews relating the development of competence in Information and teaching practices It is noteworthy that this kind of responsibility if developed without an understanding of school culture, becomes a rambling and disjointed practice whose outcomes are at risk of not being achieved.

Keywords: *Information Literacy. Culture School. School Context. Teaching and learning. Education. Elementary School.*

Rodrigo Pereira

Graduado em Biblioteconomia pelo Centro Universtário de Formiga - UNIFORMG (2002), pós-graduado em Gestão Estratégica em Recursos Humanos pela Universidade Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2006), mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - Marília. Atualmente é Procurador/Pesquisador Institucional e professor nos cursos de Biblioteconomia, Artes Visuais, Pedagogia e Secretariado Executivo Bilíngue do Instituto de Ensino Superior da FUNLEC - IESF. Presta consultoria em diversas instituições na área de sua formação. Coordena um grupo de pesquisa sobre Bibliotecas Escolares. Atua principalmente nos seguintes temas: gestão da informação e do conhecimento, biblioteca escolar, perfil profissional e competência em informação.

Helen de Castro Silva Casarin

Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, mestrado em Ensino na Educação Brasileira pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e Livre-Docência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq e líder do grupo de pesquisa "Comportamento e competência informacionais". Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: comportamento informacional, competência em informação, biblioteca escolar.

RECEBIDO: 03-07-2011

ACEITO: 22-10-2012